

ROGÉRIO LUIZ DE SOUZA

A ÉTICA CATÓLICA
E O CAPITALISMO DE
BEM-ESTAR SOCIAL

PREFÁCIO
JOSÉ EDUARDO FRANCO



ESFERA DO CAOS
EDITORES

*Aos que acreditam que a imaginação é necessária
para tornar a história real e autêntica.*

Índice

Prefácio	11
Introdução	15
CAPÍTULO 1	
O Fim das Utopias e da Posteridade Prometida	39
O movimento religioso católico e o capitalismo no pós-guerra	45
Liberdade e engajamento social	52
Uma nova ética do trabalho e o Estado de bem-estar social	57
O desenvolvimento dos povos sob a inspiração da democracia cristã	63
Militância e engajamento católico diante dos processos de mudança político-social no Brasil	74
CAPÍTULO 2	
Catolicismo e Projeto Nacional-Desenvolvimentista	83
A construção do projeto nacional-desenvolvimentista	88
O passo decisivo da Igreja	92
A aspiração ao desenvolvimento e a marcha para o povo	101
A Igreja em busca da reforma social e econômica do Brasil	111
CAPÍTULO 3	
Em Busca de um Modelo de Desenvolvimento Agrário para o Brasil	125
A interferência católica	130
A Igreja diante da cultura campesina	141
A valorização do campo	147
Um modelo católico de desenvolvimento agrário para o Brasil	153

CAPÍTULO 4	
Um Estudo de Caso: a Ação da Igreja Católica no Meio Rural	169
A escolarização da futura elite dirigente	171
A pedagogização dos corpos e a higienização dos espaços	177
Multiplicai-vos e vigiai	190
Uma nova economia do tempo	199
Considerações finais	211
Fontes	215
Referências	223

Prefácio

José Eduardo Franco

“A Igreja Católica é uma macro-estrutura universal que tem sabido adaptar-se e resistir aos tempos, aos ventos e às tempestades externas e internas garantindo uma longevidade rara – 2 mil anos – e estendendo os ramos da sua árvore frondosa a todo o planeta. Tanto tem estado ao lado do escravo como tem aconselhado o senhor, tanto evoca a tradição como prega o desenvolvimento. A Igreja alberga dentro de si, na sua afirmada e crida unidade, uma variedade extraordinária de sensibilidades, de carismas e de tendências. Por isso, podemos encontrar de joelhos na igreja a rezar ou a pedir a bênção ao padre tanto o militante comunista e revolucionário que clama igualdade como o mais conservador e elitista dos cidadãos. É esse um dos seus segredos: conciliar e juntar na mesma Fé os improváveis.”

Andreas Farmhouse

“O historiador não é aquele que sabe, é sim aquele que investiga.”

Lucien Febvre

A Igreja Católica define-se como “Una” no credo constitucional professado pelos fiéis nas suas celebrações eucarísticas e outras liturgias. Todavia, a Igreja, na sua macro estrutura universal com mais de dois mil anos de história, governada centralmente pelo Papa de Roma, esconde uma realidade múltipla, plural e que tem sido sujeita a sucessivas metamorfoses históricas.

Muitas vezes, em muitos juízos primários, vemos o catolicismo identificado com este ou aquele sector, corrente, hierarquia ou instituição mais visível e aparentemente mais dominante. Nada mais errado! São visões simplistas que tendem a povoar manuais e conversas mais ou menos superficiais e pouco informados. A Igreja tem tido a capacidade de assimilar e considerar no seu seio correntes, ordens, carismas e modos de estar e até de posicionar-se muito

diversos, desde que fiéis à doutrina essencial, consoante os tempos, os territórios e as culturas onde se implanta. O estudo do catolicismo precisa de ter em conta os tempos, os contextos e as geografias culturais, ideológicas, civilizacionais e até climáticas.

O século XX acentuou esse aspecto plural, adaptativo e metamórfico da Igreja Católica. Por isso, pudemos observar a evolução de uma Igreja do século XIX, ainda muito ligada a um modelo de sociedade de Antigo Regime e à corrente legitimista, para uma Igreja que vai fermentando ideias, correntes e projetos que fixam o seu olhar na dimensão social, especialmente com a emergência do chamado catolicismo social, da democracia cristã e do movimento do operariado católico. A *Rerum Novarum* (1891) e a política do *ralliement* (1892) do Papa Leão XIII, na última década de Oitocentos, representaram oficialmente, a partir da cúpula, o reconhecimento dessa viragem que inaugurou a assunção de um pensamento social produzido pelo catolicismo, que se veio a catalogar como “Doutrina Social da Igreja”. Com o lema “ide ao povo”, Leão XIII pediu aos padres para deixarem as sacristias e envolverem-se em obras de promoção social, educação e assistência aos mais necessitados para regenerar a sociedade e erguer o homem novo à luz dos valores evangélicos. Aliás, a Igreja passou a intervir em concorrência direta com o que pretendiam as correntes laicas e anticatólicas, como o socialismo, o positivismo, o republicanismo secularista ou a maçonaria. Estas correntes tinham como escopo construir uma sociedade nova e um homem do futuro, mas à luz de outros pressupostos que não os da doutrina católica. A preocupação e o fim eram os mesmos, mas divergiam nos alicerces.

A Igreja, acossada por correntes combativas e transformadoras que defendiam modelos de sociedade e de economia alternativos, nomeadamente o capitalismo e o comunismo, decidiu sair da sua redoma, inicialmente pela mão de padres e leigos mais visionários e comprometidos com o povo, entrando na liça do debate ideológico contemporâneo e propondo uma via própria que procurava equilibrar as propostas extremadas de um liberalismo radical e de um socialismo sem recurso. A Igreja acaba por defender um caminho que harmonize os vários níveis da economia e da política, especialmente os que então estavam em confronto: operariado e patronato. Sob o signo da cooperação e não do conflito, surgem por todo o lado no mundo católico tanto sindicatos cristãos como associações de empresários e políticos inspiradas nos ideais evangélicos. A Igreja, como acontece com outras confissões cristãs, organiza-se e organiza o movimento social em ebulição, apresentando uma proposta que experiencia e desenvolve.

Esse movimento social católico estará na origem daquilo que podemos chamar o catolicismo desenvolvimentista integral do século XX. Na América Latina este ideário vai fermentar, envolvendo de forma especial o conceito de “povo” ou de “povos” carentes de libertação frente às abissais desigualdades e opressões de séculos de colonialismo e de recentes ditaduras ferozes. O catolicismo social na América torna-se catolicismo libertador em vários países e regiões. Afirma-se um catolicismo ao lado do povo. Das derivas do catolicismo Centro e Sul-Americano e dos seus laboratórios de experiências transformadoras encontramos hoje eco na postura e discursos do atual Papa Francisco que desconcerta a Europa dos protocolos e habituada a um catolicismo mais formal.

A emergência desse catolicismo desenvolvimentista no pós-guerra é bem estudada neste trabalho de pesquisa de Rogério Luiz de Souza que a Esfera do Caos em boa hora aceitou publicar em livro. Os capítulos iniciais, teóricos e de enquadramento das transformações do catolicismo internacional, interessam muito para compreendermos uma história de ideias, de convicções, de fé e de práticas que permitem interpretar o horizonte de evolução da Igreja Católica a nível global e que vai estar na base da grande viragem operada pelo Concílio Vaticano II e dos discursos desenvolvimentistas dos papas João XXIII e Paulo VI, que fixou na célebre encíclica *Poppolorum Progressio* (26 de março de 1967) o lema operativo “o desenvolvimento é o novo nome da paz”.

Rogério Luiz de Souza demonstra como se operou no Brasil do pós-guerra a aplicação prática desta doutrina social da Igreja que procura a promoção do homem integral e de uma sociedade harmoniosa que a voragem industrialista dos anos 70 veio desestruturar.

O leitor interessado como o estudioso da história social, económica e religiosa do século XX, dispõem agora de uma obra saída da pena de um excelente historiador brasileiro com uma reflexão arguta e bem fundamentada. É um bom ponto de partida para iluminar outras pesquisas e outras análises aplicadas a realidades congêneres de outras regiões, países e culturas.

